

ARTIGO CIENTÍFICO

META

Apresentar o artigo científico como gênero acadêmico;
Descrever suas principais características.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
produzir um artigo científico, valendo-se dos conhecimentos construídos
ao longo do curso e de conhecimentos outros.

PRÉ-REQUISITOS

Compreender e distinguir os diferentes modos textuais.



Universitários.
(Fonte: <http://www.arilima.com>).

INTRODUÇÃO

O artigo científico é um gênero realizado por todos que estão envolvidos com a produção científica. D’Onofrio (apud Salomon, p.17) distingue o artigo “como o escrito a ser publicado num periódico, seja ele uma revista, um jornal, um anuário etc”. Como o próprio nome sugere, o artigo é uma pequena parcela de um saber maior, cuja finalidade, de modo geral é tornar pública parte de um trabalho de pesquisa que se está realizando. O artigo pode destinar-se a uma revista miscelânea que aceita qualquer tipo de assunto, especializada em determinada área de conhecimento ou temática que para cada número, escolhe um assunto a ser desenvolvido por seus colaboradores. Neste último caso o artigo é feito sob encomenda daí as características. O ensaio do francês *essai*, embora possa ser menor do que o artigo, é um estudo concludente.

O artigo científico trata de problemas científicos, embora de extensão relativamente pequena. Apresenta o resultado de estudos e pesquisas e, em geral, é publicado em revistas, jornais ou outro periódico especializado (revistas, boletins, jornais científicos, etc. cuja publicação é periódica) nas quais há exigência quanto ao limite de páginas. Este gênero permite que as experiências desenvolvidas nas academias sejam divulgadas como também repetidas. Servem de referência a outros estudos e são parâmetros dos temas que estão sendo estudados e da forma como os estudos estão sendo realizados.

Embora suas dimensões sejam reduzidas o texto do artigo científico deve respeitar os padrões da comunicação científica.

Conforme a norma NBR 6022 da ABNT, os artigos constituem parte de uma publicação e podem ser divididos em três tipos:

- a) **científico:** texto “[...] com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento.” (Associação..., 2003, p. 2);
- b) **de revisão:** texto que “[...] resume, analisa e discute informações já publicadas.” (Associação..., 2003, p. 2). é a apresentação e a análise de documentos sobre o mesmo tema, acompanhado das conclusões a que o autor do artigo chegou;
- c) **original:** texto “[...] que apresenta temas ou abordagens originais.” (Associação..., 2003, p. 2).

Estruturalmente o artigo é composto de : título e subtítulo (se houver) do trabalho, nome do(s) autor (es), credenciais do autor, local das atividades; sinopse (resumo em português e em uma língua estrangeira – o inglês é o mais utilizado). Estes são comumente chamados de elementos pré-textuais.

Os elementos textuais representam o artigo propriamente dito ou seja, é corpo do artigo: introdução, desenvolvimento e conclusão. Além dos já citados somam-se aos elementos pré-textuais as referências biblio-

gráficas, como notas de rodapé ou de final de capítulo, bibliografia, que é a lista dos livros consultados ou relativos ao assunto, apêndice, anexos, se existirem, agradecimentos, data.

Quanto ao conteúdo, os artigos científicos apresentam em geral abordagens atuais; às vezes, temas novos. Devem versar sobre um estudo pessoal, uma descoberta. O conteúdo de um artigo científico pode ser muito variado, como, por exemplo, discorrer sobre um estudo pessoal, oferecer soluções para posições controversas.

Algumas revistas recomendam o uso de um plano para que não se repitam idéias, nem se deixe nada de importante de lado. A sua redação quase sempre leva em conta o público a que se destina.

Vamos tomar como modelo o artigo *O Palavrão: formas de abrandamento* de Antonio José Sandmann, publicado em 1992 pela revista Letras –UFPR.

Artigo científico publicado em Letras, Curitiba, n. 41, p. 221-226, 1992-93. Editora da UFPR

O palavrão: formas de abrandamento de Antonio José Sandmann

Título do artigo/
nome do auto/revista
onde foi publicado

INTRODUÇÃO

Segundo o *Dicionário Aurélio*, palavrão é a “palavra obscena ou grosseira”, podendo também ser a “palavra grande e difícil de pronunciar”. No presente trabalho interessa-nos, naturalmente o terceiro sentido, o lexicalizado ou idiomatizado, isto é, aquele em que o sufixo –ão não empresta a palavra idéia de aumento, mais de impropriedade ou inoportunidade, de ofensividade aos sentimentos do nosso interlocutor ou de nós mesmos. Na conceituação acima do *Aurélio* o adjetivo obsceno refere-se ao que é ofensivo ao sentimento de pudor, com destaque ao que se refere irreverentemente a sexo e atos fisiológicos da defecação e micção e partes do corpo ligadas àqueles conceitos, sendo que o adjetivo grosseiro significa mais propriamente o que incivil, impolido, mal-educado. Exemplos de palavras obscenas tínhamos em *cornudo*, *cagão*, *mijão*, e de palavras grosseiras em *cretino*, *vagabundo*, *caduco*, *lazarento*!

Como se pode concluir facilmente, o palavrão se inclui num campo mais amplo da lingüística, a saber, o do tabu lingüístico, tema frequentemente abordado em lingüística com destaque, aqui, a Lyons (423s), Ullmann (425-35) e Mansur Guérios. Dizemos que o campo do tabu lingüístico é um campo mais amplo, porque ele compreende expressões ou fatos que não são palavrões. Assim, por exemplo, temos tabus médicos: por delicadeza o médico usa eufemismos como *m.h.*

O autor introduz o tema de reflexão, situando e distinguindo os sentidos que o termo apresenta em diferentes dicionários.

Como é visto o tabu lingüístico pela lingüística – referência a diferentes autores que pesquisaram sobre o tema.

por *mal de Hansen* ou lepra, *c.a. de mama* por *câncer de mama*, sendo que os próprios termos *hanseníase* e *hanseniano* podem ser vistos como eufemismos. Não se há de dizer que mal de Hansen, lepra, leproso são palavras, sendo que leproso pode sê-lo num xingamento: (seu) leproso! Comparando tabu com palavrão, diríamos que palavrão é mais a palavra ou expressão usada em xingamentos, contra as pessoas que nos importunam ou em vista de fatos desagradáveis, sendo que tabu lingüístico é toda expressão tida como desagradável, porque ofensiva aos bons costumes e boas maneiras ou porque lembra fatos ou situações desagradáveis: idade mais avançada.

O significado das formas de abrandamento e como elas aparecem.

Quando uma palavra é tabu (*morrer, velho*) ela pode ser substituída por um eufemismo ou palavra abrandadora (*falecer, velhinho*) ou, em situação inversa, por expressão de deboche, o disfemismo: estrebuchar, caduco. No caso do palavrão, ele já é expressão de deboche ou despreço, sendo muito comum haver formas de abrandamento. Essas formas de abrandamento, além de aspectos socioculturais, serão enfocadas precipuamente no presente trabalho.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS

Descrição de como o palavrão aparece na língua: formas e relações semânticas.

É interessante observar que os palavrões fazem parte de determinados campos semânticos, em outros termos, seus referentes são objetos, entidades de campos específicos do nosso universo biofísicosocial. Importante é, porém, observar que nossa atitude ou relação não é emocionalmente neutra. Impera um sentimento de sagrado – no caso da religião – ou de proibido – caso mais freqüente – ou ainda um sentimento qualquer de desagrado.

Como facilmente sugerem os aspectos acima destacados, deve ser possível entrever diferenças culturais entre comunidades lingüísticas no que diz respeito ao uso do palavrão. Não fiz um estudo voltado para essas diferenças étnico-culturais, mas a observação baseada em minha experiência de vida me permite afirmar que o alemão xinga muito com palavrões ligados à falta de higiene ou sujeira: *Schwein* “porco”, *Sal* “porca”, *Scheisse* “merda”, sendo que falante nativo de alemão me testemunhou que xingamento forte é chamar alguém de *grosses Dreckschwein* “grande porco sujo”.

No italiano chamam atenção palavrões ligados à religião: *porco Dio*, *porca Madonna*, abrandados, muitas vezes, como veremos na seção seguinte, para *porco sio* e *porca madoi*. Já no português parecem ganhar destaque xingamentos ligados à sexualidade, especialmente os que se chamam os desvios morais da sexualidade: *filho da puta*, *veado* e *galinha*. Queremos deixar claro, porém, que não fizemos estudo mais dedicado

com o objetivo de levantar estatisticamente diferenças ético-culturais, o que não deixa de ser um desafio interessante, pois nos permitiria obter possíveis contrastes entre comunidades lingüísticas e culturalmente bastante diversas, p.ex., o japonês, o coreano, o chinês, os indígenas, os nativos africanos, europeus do Norte e do Sul.

Focalizando apenas o palavrão tal qual ele é corrente entre nós, podemos apontar alguns campos semânticos nos quais ele se nutre com destaque. Referindo-se ao homem, ser humanos do sexo masculino, ganham acento os palavrões que enfocam a sexualidade passiva (*bicha, veado*) e o ser vítima da infidelidade (*cornio, chifrudo*), enquanto a mulher é estigmatizada mais pela prostituição (*puta, galinha, fêmea*), sendo de destacar o aspecto cultural de que se *fêmea* é negativo para mulher, *macho e machão* não são para o homem.

Outros campos que se destacam como fontes de palavrões: a religião (*desgraçado, diabo*); a idade mais baixa (*fedelho, frango*) ou mais avançada (*coroa, velharia, caduco*); a falta de higiene (*porco*); a defecção e a micção (*cagão, mijão*); a atribuição dos nomes das partes do corpo animal às partes análogas do ser humano (*pata, juba, crina, focinho*), bem como dos nomes dos animais ao homem (*cavalo, porco, elefante*). Fatos históricos também podem dar origem a palavras de xingamento: *juden, nazista, fascista* e até *comunista*, merecendo destaque que pode haver preconceito.

Parece-me importante também chamar a atenção para o fato de haver grau de agressividade e rejeição no palavrão. Assim há um indubitável crescimento em: *Fica brabo, danado, puto, ou Seu medroso, mijão, cagão!*

Merece, finalmente, finalmente destaque o uso de sufixos que se prestam à expressão da pejoratividade: *-óide* (*fascistóide, comunístóide, ideológóide*); *-ão* (*resmungão, pidão*, do popular *pidir*); *-ento* (*molambento, caspento*) etc. A propósito importa realçar que a idéia negativa que o sufixo empresta à palavra muitas vezes vem se somar a negatividade da base (*fascistóide*), outras vezes é mais do sufixo (*ideológóide*), não se devendo esquecer que a negatividade atribuída à base pode ser questão de atitude pessoal ou até de preconceito (*comunístóide*).

FORMAS DE ABRANDAMENTO

Mansur Guérios (11), referindo-se às formas de abrandamento do tabu lingüístico, diz: “O recurso empregado são meios indiretos e meios diretos dissimulados, isto é, substitutos que valem de qualquer modo o ser sagrado-proibido”. Desses meios de dissimulação poderíamos afirmar que elas são formas de “dizer, não dizendo” ou de “dizer, dizendo”, eis que, na verdade, o que falante diz de forma velada, mas diz. Quando o personagem de Dalton Trevissan, em “A Polaquinha” (p. 63, Rio de Janeiro: Record, 7 .ed.), diz *desgracido* ou invés de *desgraçado*, há apenas

Descrição das formas de abrandamento e dos seus sibiñificados – O palavrão analisado do ponto de vista pragmático.

um abrandamento de expressão de fundo religioso que diz alguém está condenado, sem a graça de Deus.

Damos, a seguir, destaque às principais formas de abrandamento com que deparamos em nossa constante pesquisa lexical, que inclui, sem dúvida, as formas de velar o que é proibido e rejeitado, por ser obsceno ou por sua agressividade, formas de abrandamento comumente chamadas eufemismos:

ABREVIÇÃO

Como formas de abreviação destacam-se a soletração dos fonemas iniciais: (*estar na*) *eme*, *pqp* (*Folha*, 29.12, 90, p. a – 2: “Com tanta sigla, não espanta que a mais usada nas ruas seja uma tal de PQP.”), (*estar*) *pê* (*da vida*), *cê – dê*, *cê – dê- efe*, *bê- unda*; o uso apenas das sílabas iniciais: *sifo*, *mifo*, *paca* ou *praca* (*Folha*, de 1.10.87, p.A- 50: “Cometo erros praca.”), *aspone*, *asmene*, *pô*; abreviações diversas: *demo*, *Vá tomá...!*, *ô seu...!*

MODIFICAÇÕES DE FONEMA(S)

Substitui-se fonema, às vezes mais de um, do palavrão: (*sempre a*) *lesma lerda*, *poxa*, *puxa*, *diacho*, *desgracido*, *desgramado*, *desgramido*, do italiano *porco sio* por *porco Dio*, *sio can* por *Dio can*.

SUBSTITUIÇÃO DE PALAVRAS

Essas substituições de palavra de frase ou sintagma podem ser de caráter geral ou não-específico : *filho da mãe*, *estudou pra caralho* (da *Folha*, 5.11.88, E-10: “Fizeram um escândalo do caralho com a NBC”). *dar com os respectivos na trave*, *vá tomar banho!* As substituições de palavras põem ser de caráter mais específico, envolvendo a pronominalização: *mandar para aquele lugar*, *tomar naquele lugar*, *só pensa naquilo*, ou a troca por palavra-ônibus como *coisa* (*Tribuna do Paraná*, de 19.07.88, p. 1: “Castrado a dentadas. Antenor Cordeiro perdeu um pedaço da ‘coisa’ ao brigar com três”).

PARÁFRASE E CIRCUNLÓQUIO

A paráfrase é a expressão de sininímia mais presa à expressão a ser evitada do que a do circunlôquio. Exemplos de paráfrases: *as partes de baixo*, *as partes pudendas*, *fazer o mal a*. Exemplos de circunlôquios: *tirar água do joelho*, *botar o ovo matinal*.

ASPECTOS PRAGMÁTICOS

No final da seção 2 foi chamada atenção para o fato de nem todos os palavrões despertarem o mesmo grau de rejeição ou conterem o mesmo grau de agressividade. Aqui alertamos para o fato de as pessoas não reagirem da mesma forma ao palavrão e de fazerem uso dele em graus diversos de frequência, sendo de destacar diferenças entre os sexos, entre as idades e níveis sociais, p. ex. Relativamente à idade posso reportar que nos elevadores da Faculdade tenho ouvido grupos de jovens, formados por pessoas de ambos os sexos, usarem sem cerimônia de palavras ou expressões como *fodeu-se, puta merda, porra*, testemunho de mudança de gerações como do relacionamento entre sexos. Um jovem dizia a sua companheira: “Dá um tempo ne, bem! Puta que pariu!”. Testemunho de diferenças sociais teríamos no exemplo seguinte, em que uma servente dizia “as outras faz as cagadas dela, depois fica se batendo”.

O que temos presenciado com frequência é o que chamaríamos de “jogo-de-faz-conta”, isto é o palavrão é dito mas não é pra valer, como no seguinte fato em que um jovem gritou para outro, do noutro lado da rua: “Ô baixinho filho da puta”, atravessaram a rua e se abraçaram. Aliás, não é raro assistir a esse jogo de cena em que jovens do sexo masculino se estapeiam, escoiceiam, e trocam “amabilidades” lingüísticas, chagando às vezes até a procurarem atingir os órgãos genitais ou lá “onde-as-costas-mudam-de-nome”.

CONCLUSÃO

Independentemente de aspectos de envolvimento ético ou do que diz respeito às boas maneiras e à civilidade, o palavrão e o campo maior do tabu lingüístico pelo qual ele é abrangido são causa interessante de criação lingüística, de recursos responsáveis por todo um jogo de encobrir, de fazer de conta, de “não dizer dizendo” ou de “dize, não dizendo”. Conclusões sobre diferenças culturais e sociais não são difíceis de tirar, sendo que corolários sobre diferenças ético-culturais no uso do palavrão exigiriam pesquisa baseada em *corpus* mais amplo e mais específico.

RESUMO

Abordam-se aqui aspectos lingüísticos e socioculturais do palavrão em seu significado de “palavra obscena ou grosseira” (V. Aurélio). Sob o enfoque lingüístico, ganham destaque as várias formas de abrandamento, os eufemismos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986 (referido no texto como *Aurélio*).
- LIONS. **Introduction to Theoretical Linguistics**. Cambridge: University Press, 1968.
- MANSUR GUERIOS, R. F. **Tabus lingüísticos**. São Paulo: Campanhia Editora Nacional, 1979.
- ULLMANN, S. **Semântica**: uma introdução a ciência do significado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964).



ATIVIDADES

1. Leia os dois textos a seguir e observe o diálogo que o autor estabelece entre eles. Quais justificativas você daria para afirmar que os dois textos são artigos científicos ?
2. Elabore, com a orientação do seu professor, um pequeno projeto de artigo científico baseando-se nos modelos que você acabou de ler. Se quiser, você pode ampliar seu repertório pesquisando.

BRASIL VIA PARIS – I

Luciano Oliveira
Professor da UFPE
E-mail: jlgo@hotmail.com.br

Há vinte anos vivi a aventura do exílio! Um “exílio” com aspas, bancado por uma bolsa de estudos para fazer um doutorado na França. De lá voltei com o olhar antropológico que ainda hoje uso para observar meu país. Não há nenhum mérito nisso, pois todo viajante é um antropólogo natural. Ao cairmos em ambiente estranho, somos levados a observar coisas com que não estamos acostumados. Hábitos, costumes e gestos, que passam despercebidos da população local, chamam nossa atenção. Um exemplo bem simples. O francês levando para casa o pão debaixo do braço (a famosa *baguette*), mesmo não sendo tão generalizado quanto dá a entender certa imagem caricatural, existe. Eles não estranham isso % como não estranham assoar o nariz com barulho, guardando a trouxa do lenço amassado dentro do bolso... E nós % nós que cuspiamos na rua como a coisa mais natural do mundo % achamos tudo isso um nojo!

Tais são os momentos do olhar antropológico. No primeiro, estranhamos

práticas com que não estamos habituados: a *baguette* no sovaco, o assoar escandaloso etc. Em seguida, e mais importante para o nosso enriquecimento pessoal, começamos a estranhar também certas práticas com que estávamos habituados na cultura de onde viemos. No caso, cuspir na rua. Mas também jogar na rua toda espécie de porcaria: guardanapo usado, embalagem de bombom, garrafa plástica etc. É o que se chama de *estranhamento do familiar*. Método por excelência dos antropólogos profissionais, surge espontaneamente no antropólogo amador, categoria da qual faz parte todo aquele que sai da sua terra e passa a olhá-la através do viés de um olhar “estrangeiro”.

Foi o que aconteceu comigo. Mas isso não quer dizer que estou ingenuamente elegendo a França como espelho de virtudes no qual espero ver o Brasil um dia mirar-se. Cada país tem sua história e nada mais estranho aos meus propósitos do que um complexo de inferioridade desse tipo. Por outro lado, não deixa de ser verdade que o fato de ter vivido num país democrático e moderno caiu bem aos meus propósitos críticos em relação à sociedade brasileira % a qual, sob vários aspectos, não hesito em considerar uma sociedade escravagista ainda hoje. Esse julgamento, pelo menos nesses termos, não o tinha antes dessa experiência, e não há como negar que a convivência com formas e hábitos de vida mais igualitários ajudou-me a desenvolvê-la. Um desses hábitos foi o famoso *bricolage*.

Aportuguesado para “bricolagem”, segundo o *Houaiss* quer dizer trabalhos manuais feitos “como distração ou por economia”. Como sempre, o dicionário não diz tudo. *Bricoler*, na França, é mais do que executar pequenos trabalhos: é o hábito que têm todas as pessoas % pelo menos aquelas situadas ao nível das classes médias % de fazê-lo. Sua presença assinala a ausência, na França, do horror que as classes médias brasileiras, de um modo geral, têm pelo trabalho manual. Lavar o carro, ainda vai. Mas consertar pia, renovar a pintura do quarto, fazer trabalhos de marcenaria, não! E o que dizer de juntar parentes e amigos nos fins de semana para renovar uma casa velha? Impensável!

Pois essa é uma prática um tanto comum na pequena classe média francesa: adquirir a preço baixo uma casa velha e, aos poucos, ir reconstruindo-a com a ajuda de amigos e parentes. Mesmo quando não se trata de refazer toda a casa, eles sempre encontram alguma coisa para reparar. Por exemplo, o papel de parede, que têm a mania de mudar mesmo quando o apartamento onde vão morar é alugado. Organizam um fim de semana para a sala, outro para a cozinha e assim por diante. Para isso, são convocados parentes e amigos, aos quais, depois, a ajuda será retribuída da mesma forma.

Ora, direis: mas isso é mutirão, que também temos no Brasil! Concordo, mas acrescento: entre nós, mutirão é coisa de pobre, que convoca a vizinhança para levantar uma laje na favela, acrescentar uma “puxada” na casa de conjunto da periferia etc. Com isso chego ao ponto que

gostaria de tocar: a classe média francesa tem hábitos que, no Brasil, são usos e costumes de pobre. O que, inversamente, equivale a dizer que a classe média brasileira tem, em termos de conforto material, um nível de vida em muitos aspectos superior ao de um francês de sua mesma classe!... Voltarei ao assunto.

TEXTO 2

BRASIL VIA PARIS – III

Luciano Oliveira
Professor da UFPE
E-mail: jlgo@hotmail.com.br

No artigo anterior mencionei o contingente de profissionais de baixa qualificação que trabalham nos edifícios onde moramos e, de caso pensado, não mencionei as empregadas domésticas. Não porque não sejam importantes; ao contrário, porque são demais! Ah... as nossas empregadas domésticas! Haverá coisa mais brasileira do que isso? Na minha vida e na vida de todos os meus amigos elas sempre fizeram parte da paisagem da casa % como os pais, o quarto e a geladeira com o clássico pingüim, hoje desaparecido. Assim, reservei um artigo só para esse assunto.

Na verdade estou convencido de que falta na ensaística nacional uma grande obra sobre essas criaturas % a qual, numa atualização de *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, bem poderia chamar-se *Suíte e Quarto de Empregada*. Ainda aqui o estranhamento do familiar mostra-se fecundo. A primeira vez que ouvi alguém “estranhar” esse fenômeno foi numa conversa já antiga com o professor Afonso Nascimento, da Universidade Federal de Sergipe, velho amigo que tinha passado algum tempo estudando na França e estava de volta ao Brasil. Estávamos nós dois % velhos esquerdistas do tempo da faculdade % trocando impressões sobre a vida quando ele, a propósito dos nossos amigos revolucionários, observou: “Todos têm um discurso de esquerda, mas estão com a casa cheia de empregadas”. No ato não entendi o que tinha a ver uma coisa com a outra, e não dei seqüência ao assunto. Só muito depois, já estando eu mesmo na Europa, foi que comecei a perceber todas as implicações do que ele havia dito: o Brasil é, ainda hoje, uma sociedade escravocrata, e o nosso contingente de empregadas é a melhor prova disso. Muitas vezes pensei nisso enquanto fazia eu mesmo a dura faxina do apartamento onde morava % sem nenhuma

Zefinha para chamar!

Todos nós conhecemos a dura vida dessas criaturas: baixos salários, horários escorchantes, direitos trabalhistas não respeitados etc. O fato de que a empregada é sempre uma pessoa paupérrima circulando num ambiente de relativa abundância (comida na geladeira, dinheiro nas gavetas, jóias nos armários), faz nascer um inevitável % e, é claro, às vezes fundado % sentimento de suspeita por parte das patroas. É essa a feição mais anacrônica do trabalho doméstico: não se trata de uma relação de trabalho como as outras, onde, mesmo se a exploração econômica existe, o empregado, uma vez findo o expediente, é um cidadão como os demais, dono do seu tempo e da sua vida como um ser soberano. As empregadas, além de muitas vezes não terem o seu tempo livre claramente delimitado, têm também muitas vezes de prestar contas à patroa das suas horas de folga: o que faz, com quem anda, com quem está namorando. Ou seja: ela nunca é uma pessoa inteiramente adulta. Mesmo quando a sua empregadora é aquilo que o jargão do ofício chama de uma “boa patroa”, trata-se de uma situação próxima da servidão, análoga à situação do escravo que tinha a sorte de cair na mão de um “bom senhor”.

Trata-se de uma situação existencial de permanente dilaceramento, pois mesmo se a patroa a trata bem, a doméstica vive numa casa que não é a sua, dorme num quarto que não é o seu, convive com uma família da qual não faz parte e toma conta de filhos que não são seus % quando é das que não dormem no emprego, muitas vezes deixando os próprios filhos em casa, sob os cuidados de uma irmã mais velha... Transcrevo aqui o depoimento de uma doméstica que se casou com um americano e foi embora para os Estados Unidos, e que depois escreveu à revista *NOVA* relatando sua experiência: “Comecei a trabalhar com 8 anos e nunca pensei que o pesadelo ia terminar. No meu quartinho cheio de detergentes, vassouras etc., eu sonhava em ter um dia um trabalho decente e, ao terminá-lo, poder ir para a minha casa, fazer o jantar do meu preto, e domingo poder ir ao cinema ou a uma praia, sem precisar sentir vergonha de minha profissão. Poxa, gente, isso aconteceu e está acontecendo! Hoje sou faxineira nas horas vagas, estudo e cuido de meu gringo. Deixei de ser o bode expiatório, a hóspede incômoda e necessária. Sou uma mulher que trabalha para ter um dinheirinho a mais. Não tenho mais o grito do samba, o batuque e a glória da avenida, mas também não tenho mais a madame”.

E se assina Regina Martins Pippins. Mais sorte do que ela, só *Mary Poppins*, que já nasceu fada..

CONCLUSÃO

O artigo científico tem um papel muito importante na divulgação de conhecimentos que estão sendo elaborados ou repensados. Através do artigo científico conhecemos os temas que estão sendo discutidos, as teorias e pesquisadores que estão sendo lidos e discutidos, os métodos que estão sendo utilizados e até acompanhar como determinadas pesquisas vem se desenvolvendo.



RESUMO

O artigo científico é um gênero bastante solicitado nas atividades científicas pois é um gênero que tanto organiza as informações sobre pesquisas em andamento como divulga estas informações nos ambientes e encontros de cientistas. Servem de referência a outros estudos e são parâmetros dos temas que estão sendo estudados e da forma como os estudos estão sendo realizados.

REFERENCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro. 2003.

GOMES, Henriette F.; LOSE, Alicia D. **Documentos científicos:** orientação para elaboração de trabalhos acadêmicos. Salvador: Edições São Bento, 2007.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2008.

SALOMON, Décio Vieira. **Como fazer uma monografia:** elementos de metodologia do trabalho científico. 2 ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.